

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
História e Filosofia da Educação

Mr. Holland's Opus

O Professor



Carla Leitão e Vânia Rodrigues
1999/2000

Agradecemos ao colega Ivo Daniel do Carmo Calado cujo trabalho,
realizado no ano lectivo de 1998/99, tivemos oportunidade de
consultar

Ficha Técnica

- ❖ **Título Original: “ Mr. Holland’s Opus”**
- ❖ **Director: Stephen Herek.**
- ❖ **Design: David Nichols.**
- ❖ **Fotografia: Olver Wood.**
- ❖ **Produção: Ted Field
Michael Nolen
Robert W. Cort.**
- ❖ **Musica: Michel Kamen**
- ❖ **Edição: Tridy Shep**
- ❖ **Distribuição: Buena Vista**
- ❖ **Duração: 143 minutos**
- ❖ **Locais de filmagem:**
 - ❖ **Christie School, Marylhurst, Oregon, USA**
 - ❖ **Grant High School, Portland, Oregon, USA**
- ❖ **Actores Principais:**
 - ❖ **Richard Dreyfuss (Gleen Holland)**
 - ❖ **Glenn Headly (Iris Holland)**
 - ❖ **Joy Thomas (Bill Meister)**
 - ❖ **Jean Louisa Kelly (Rowena Morgan)**
 - ❖ **Olympia Dukakis (Reitor)**
 - ❖ **Terence Howard (Vice Reitor)**
 - ❖ **Nicholas John Renner (Cole Holland, 6 anos)**
 - ❖ **Joseph Anderson (Cole Holland, 15 anos)**
 - ❖ **Antony Natale (Cole Holland, 28 anos)**

Resumo

Mr. Holland's Opus, é a história de como um professor de música - Mr. Holland, magnificamente protagonizado por Richard Dreyfus - consegue transformar as vidas dos alunos com quem entrou em contacto, mas também, como a sua própria vida é modificada pelo contacto que tem com os alunos. Pode-se dizer que é a história de como uma vida se pode modificar a partir do momento em que assume a sua vocação, neste caso, a de professor.

O actor principal



Richard Dreyfuss representa um músico apaixonado pela música que pretende deixar o seu lugar marcado na história da música com uma obra da sua autoria mas que, por circunstâncias várias, se vê como um professor de música que deve iniciar os seus alunos na arte musical.

Com esta interpretação, Richard Dreyfuss obteve uma nomeação para o Oscar de melhor actor principal da Academia Americana de Artes.

Entrevista concedida por Richard Dryfuss:

- Pensa que Mr. Holland's Opus ajudou a sua carreira?

O filme foi bem recebido, de modo que esse foi um bom ano para min. A minha carreira já teve tantos pontos altos e baixos, que por vezes nem consigo recordar quais foram as melhores ou piores épocas. Mas sim, penso que ajudou.

- O que o atraiu no filme?

Mr. Holland's Opus é um filme que defende o ensino da musica e das artes nas escolas americanas. Parece-me que nos últimos anos, o nosso sistema educacional tem vindo a dar cada vez menos⁴

importância às artes. Tem havido um corte de verbas para programas educacionais de música e artes. Penso pois que o filme é também relevante do ponto de vista político.

- Surpreendeu-o o sucesso que *Mr. Holland's Opus* obteve?

Sim. É um filme pequeno sobre a vida de um homem simples. Não tem explosões nem perseguições de automóvel. Penso que conseguimos chegar a um público que é por vezes esquecido por Hollywood. Foi um risco fazer este filme. Mas todos os meus filmes foram riscos.

* * *

Richard Dryfuss tinha razão. *Mr. Holland's Opus* teve uma enorme influência no apoio à educação musical por parte da opinião pública americana.

Existe inclusivamente **uma "Mr. Holland's Opus foundation"** que declara como seus objectivos:

The Mr. Hollands Opus Foundation is a non-profit 501(c)(3) organization dedicated to promoting instrumental music education nationwide by partnering with businesses, schools, and communities to provide new and refurbished musical instruments to qualified schools and individual students

Para consultar a página da
Mr. Holland's Opus foundation"

<http://www.mhopus.org/>

<http://www.mhopus.org/special.htm>

Outros actores

Gleen Headley		Representa o papel de esposa de Mr. Holland. Desde o início apoiando o marido nas suas escolhas profissionais, funciona ao longo do filme como uma ligação entre Mr. Holland e o filho de ambos.
----------------------	---	--

Jean Luisa Kelly		Representa o papel de uma aluna talentosa e que tem a ambição de ser cantora.
-------------------------	---	---

Bill Meister		Representa o papel de um treinador de futebol do liceu que se torna grande amigo de Mr. Holland, sempre pronto a ajudá-lo no que for necessário.
---------------------	---	--

Momentos

Primeiro momento: dificuldades iniciais

Mr. Holland, músico de alma a ambição, vai dar aulas para um liceu, por não ter mais alternativas de emprego. Sente-se desanimado e com pouca força de vontade para este cargo.

No primeiro dia, confessa à directora que nunca tinha pensado ser professor, que o seu objectivo de vida não era dar aulas.

Na primeira aula está nitidamente nervoso. Começa por escrever o seu nome no quadro e pede aos alunos que se sentem nos lugares rapidamente para não perderem muito tempo, comunica-lhes que irão por começar por estudar história da música. Mr. Holland é confrontado com alunos pouco motivados, alguns ensonados e outros com comportamentos pouco correctos.

No primeiro ensaio, verifica que os alunos estão muito desafinados. Compreende então que tem um longo e difícil trabalho à sua frente.



Nos intervalos das aulas, Mr. Holland trava conhecimentos com outros professores, entre os quais o treinador de futebol do liceu, a quem confessa que escolheu ser professor para ter mais tempo livre para compor, porque na verdade ele é um compositor e não um professor. O treinador responde-lhe que já nem se lembra de quando foi a última vez que teve algum tempo livre, o que deixa Mr. Holland preocupado.

Durante as aulas, Mr. Holland repara numa aluna, Gestrudes Lang que, embora tocasse ainda pior que o resto do grupo, tinha uma grande força de vontade. No fim da aula, Mr. Holland chama-a propondo dar-lhe aulas fora do horário escolar.

Segundo momento: consciência do problema

Entretanto, a directora da escola fala com Mr. Holland. Diz-lhe que durante a sua carreira nunca tinha visto um professor correr para o carro no fim do dia com tanto entusiasmo.

Mr. Holland responde: " Não chego todos os dias a horas? Cumpro a minha missão o melhor que posso"

A directora explica-lhe: " Um professor tem duas missões. A primeira, é transmitir conhecimentos aos jovens, a segunda é dar e esses jovens uma directriz para que o conhecimento não se perca.

Em casa, Mr. Holland desabafa com a sua esposa, afirmando-lhe que não gosta de ser professor. A esposa comunica-lhe que está grávida.

Ao fim de cinco meses de aulas, Mr. Holland apercebe-se que não tinha sido capaz de suscitar interesse pelas suas aulas.

Esta tomada de consciência, leva-o a perguntar aos seus alunos que tipo de música é que mais gostam de ouvir. Para seu espanto, verifica que a maioria apenas gostava de rock and roll.

Tenta então convencer-los de que, embora não o soubessem, todos gostavam de Bach. Para isso, faz uma ligação entre o rock and roll e a música de Bach e, para sua surpresa, consegue interessar os alunos pelas aulas e pela música.

Terceiro momento: mudança de métodos

Quando miss Lang comunica que vai desistir de tocar, Mr. Holland incentiva-a com grande habilidade. Pede-lhe que toque sem pauta, utilizando apenas a memória, os dedos, aquilo que tenha dentro do seu coração. Acompanha-a ao piano, fá-la repetir várias vezes, e consegue comunicar-lhe o prazer da música.

Entretanto, nasce o filho do casal Holland. O pai, Mr. Holland, está feliz e manifesta o seu desejo de que o filho venha a ser um grande músico.

Quarto momento: Mr. Holland professor

Um dia, a directora do liceu chama Mr. Holland ao seu gabinete, para lhe dizer que sabia que ele ensinava aos alunos rock and roll.

Mr. Holland defende-se dizendo que ensina musica de todos os estilos e que, se o rock and roll ajudar os alunos a amar a musica, então ele sente ser seu dever passar por aí.

Entretanto, é dada a Mr. Holland a missão de preparar os seus alunos para um cortejo escolar em que todos devem marchar e tocar. Ao defrontar-se com esta dificuldade, pede ajuda ao seu colega e amigo treinador de futebol. Este, por seu lado, pede-lhe o favor de aceitar como seu aluno um rapaz que foi retirado da equipa de futebol.

mas, o novo aluno não sabe tocar qualquer instrumento musical, não tem quiasquer bases musicais para poder ingressar na banda e, interrogado, diz que gostaria saber tocar guitarra eléctrica, instrumento que iria criar dificuldades numa banda de parada.

Mr. Holland consegue no entanto chegar a acordo com o aluno que aceita aprender a tocar tambor.

Quinto momento: o problema familiar

Foi justamente durante o cortejo que a senhora Holland começou a detectar uma deficiência auditiva no filho que não se manifestava quanto ao enorme barulho que existia. Levaram-no ao médico onde ficaram a saber que o bebé não tinha 90% de perca audição e só com treino é que poderia aprender a utilizar os 10% que lhe restavam.

Perante esta tragédia, Mr. Holland que tinha sonhado que o seu filho seria um grande musico, referiu nas suas aulas o famoso musico Beethoven que, apesar de surdo, compôs obras imortais

Com o passar dos anos, Cole vai crescendo. Mr. Holland recusa-se a aceitar a deficiência do filho. Tenta fugir da situação não lhe dando toda a atenção necessária. A mãe começa a desesperar, não consegue comunicar com o seu filho, não consegue entender quais são os seu desejos. Mr. Holland acaba por concordar por o seu filho numa escola particular mesmo que isso seja dispendioso.

Entretanto, Mr. Holland entrega-se cada vez mais à sua função de professor. A dada altura, depara-se com um aluno muito inteligente, que sabe a matéria toda, que fixa todas as datas,⁹

nomes e acontecimentos. Mr. Holland propõe-lhe um trabalho para o fim do período com o título: "Musica: a linguagem e a emoção". O aluno diz-lhe que não podia obriga-lo a fazer tal trabalho. Mas, Mr. Holland recorrendo ao argumento de autoridade, ameaça chumabá-lo.

Durante a discussão com esse aluno, Mr. Holland recebe notícia da morte do aluno que havia ensinado a tocar tambor. Com grande desgosto, Mr. Holland e o aluno que o acompanhava nesse momento foram ao funeral.

Durante o funeral, o aluno pergunta quem é o falecido, e Mr. Holland responde-lhe que se tratava de um aluno que não era tão inteligente como ele mas que, para acabar o curso, tinha trabalhado arduamente.

Chega a altura em que os estudantes finalizam o liceu e recebem os seus diplomas. A directora da escola chama Mr. Holland, comunica-lhe que se vai reformar, oferece-lhe uma pequena caixa de madeira onde guardava um relógio de bolso, diz-lhe que, de todos os professores existentes naquele liceu, ele era o seu favorito e dá-lhe um beijo de agradecimento.

Passa-se o Verão, e começa um novo ano lectivo. Numa reunião de professores, discute-se a festa de finalistas desse ano.

Sexto momento: a relação com Cole e com Rowena

Cole, o filho de Mr. Holland, vai crescendo e o pai, que se recusou a aprender a linguagem gestual, tem sérias dificuldades em comunicar com o filho. A mulher acusa-o de não dar a atenção ao filho nem à família. Mr. Holland defende-se das acusações da mulher dizendo-lhe que é professor e por isso tem muitas obrigações a cumprir: a peça de teatro, os ensaios da banda, testes, comissões de estudantes.

Durante o casting, para a escolha de vozes que iriam participar na festa de finalistas, surge uma aluna, Rowena Morgan, com uma excelente voz. Mr. Holland investe nos ensaios de canto com Rowena. Um dia, Rowena encontrou Mr. Holland num café a trabalhar nas suas musicas. Pede para se sentar ao seu lado. Os dois falam sobre as aulas e sobre a paixão que ambos têm pela música. Rowena diz-lhe que não pensa ir para a faculdade, que vai ficar a trabalhar no restaurante do seu pai embora o que mais gostaria¹⁰

era de ir para Nova Iorque cantar para milhares de pessoas. Mr. Holland diz-lhe que tem muito talento, muita paixão e aconselha-a a ir para Nova Iorque fazer o que quer fazer.

Em casa, as dificuldades de comunicação com o filho continuam. Cole revoltado, abre as janelas para que o vento espalhe toda a papelada do pai. Mr. Holland, tenta comunicar gestualmente com o filho para lhe dizer para não mexer nos papeis, mas não o faz correctamente, em vez disso, diz: " Não te sentes." O que provoca uma situação constrangedora que leva Cole a levantar-se e ir-se embora .

Os ensaios de canto de Rowena continuam. Há entre ambos uma certa cumplicidade a que ambos procuram resistir.

Mr. Holland está a compor uma em casa a que dá o nome de Rowena. Quando a mulher lhe pergunta quem é, ele responde que é uma lenda, uma heroína da mitologia grega.

Na noite do espectáculo, Rowena tem um brilhante desempenho. No final, Rowena comunica a Mr. Holland: "Vou fazer aquilo que me disse. Vou para Nova Iorque, vou ser cantora. Vou-me embora amanhã, e podia vir comigo. Sei que me acha demasiado jovem, sei que é casado e que tem um filho. Eu sei. Mas também sei que assim não poderá compor grandes musicas."

Mr. Holland vai despedir-se de Rowena à paragem de autocarro e dá-lhe alguns contactos onde se poderá hospedar.

No ano de 1980, uma notícia deixa toda a gente abalada, Jonh Lennon foi assassinado. Durante uma discussão entre os pais, Cole (tendo a mãe como interprete), dirige-se ao pai: " Pensa que a morte de Jonh Lennon não significa nada para mim? Deve pensar que eu sou estúpido se pensa que não conheço os Beatles ou qualquer outro tipo de musica. Pensa que não me interessa o que o pai faz ou o que gosta? Eu sei o que é a musica. Podia ajudar-me a conhece-la melhor, mas interessa-lhe mais ensina-la aos outros do que ao seu filho."

A partir desse dia, Mr. Holland passa a olhar o filho de outro modo. Vai aprender linguagem gestual e começa a ensinar música a deficientes auditivos.

Sétimo momento: últimos dias como professor.

Passam quinze anos. Mr. Holland é chamado ao gabinete do director da escola que lhe diz que, devido a problemas no orçamento, foi pedido a todas as escolas do distrito que apresentassem propostas de redução de 10% das despesas.

Mr. Holland começa a ler muito calmamente a proposta que o director lhe entrega: "acabar com todo o programa musical, de artes e de teatro."

"Parabéns, Há 30 anos que se quer ver livre de mim, finalmente eles deram- lhe uma desculpa."

O director responde: " Não sou tão popular como você mas interesso-me pelos alunos tanto quanto você. E se sou forçado a optar entre Mozart e ler, escrever e contar, opto por ler, escrever e contar."

Mr. Holland responde: " Pode eliminar as artes à vontade. O que acontece é que, mais cedo ou mais tarde, os alunos não terão o que ler nem saber o que escrever."

Mr. Holland levanta-se. O director volta a chama-lo, tentando dar-lhe apoio, oferecendo-se para lhe passar uma carta de recomendação.

O velho amigo de Mr. Holland, o treinador de futebol, na despedida do liceu tenta dar-lhe todo o apoio possível: " Já decidiste o que vais fazer?" " Sou velho demais para fundar uma banda de rock" Responde Mr. Holland. " Provavelmente irei dar lições de piano. Não me reformo, sou corrido, e estou com muito medo."

Oitavo momento: a consagração

O filho juntamente com a mãe ajudam Mr. Holland a transportar as suas coisas do liceu. No momento que vão abandonar o liceu, Mr. Holland ouve uma musica vinda do auditório do liceu. Intrigado desloca-se com a sua família até lá. Ao chegar ao auditório, depara-se com uma festa de despedida. Entra e encontra quase todos os antigos alunos e colegas.

Abrem-se as portas do fundo e é anunciada a chegada da governadora, sua excelência Gestrudes Lang, a antiga aluna que há anos atrás não havia conseguido tocar clarinete. Independentemente do seu fracasso no clarinete (o que não impediu o seu exito na política), também ela queria estar presente naquele¹²

dia para saudar o seu ex-professor, Mr. Holland.

Depois de cumprimentar Mr. Holland, Gestrudes Lang, dirige-se para o palco:

“ Mr. Holland teve uma profunda influencia na minha vida. E em muitas outras. Contudo, sinto que ele considera grande parte da sua vida desperdiçada. Sempre a trabalhar na sua sinfonia, era com ela que pensava tornar-se famoso ou rico. Provavelmente as duas coisas. Mas Mr. Holland não está rico. E não está famoso. Pelo menos, fora da nossa pequena cidade. É natural que se considere fracassado. Ora, se assim é, está enganado. Ele alcançou um êxito muito superior a riqueza e fama. Não há vida nesta sala que ele não tenha influenciado. E cada um de nós é uma pessoa melhor graças a si.

Nós somos a sua sinfonia. Nós somos a melodia e as notas da sua obra. Nós somos a música da sua vida.”

Estrondoso aplauso. Gestrudes Lang, pede a Mr. Holland o favor de se dirigir ao palco, pegar na batuta e dirigir a primeira apresentação da “Sinfonia Americana” de Glenn Holland que será interpretada por antigos alunos incluindo Gestrudes no clarinete.

**Emocionado, Mr. Holland dirige-se ao palco
para dirigir
“a sua sinfonia”**

MR. HOLLAND'S OPUS

A film review by Edwin Jahiel

"Mr. Holland's Opus" is a "biopic"(biographical picture), a genre common in the 1930s and generally reserved for famous figures. Mr. Holland is not famous. He is a well-trained performer-composer who, tired of dragging himself and his wife from odd job to odd job, decides to try teaching near Portland, Oregon, in the newly named John F. Kennedy High School. He plans to stay only for a short while and devote himself to composing. He remains for at least 30 years, through 1995. devoting himself to young people.

The biopic, smoothly combined with a school picture with a difference, becomes a triple whammy paean to music, education and the teaching profession. While there have been hundreds of movies involving schools, very few reach the seriousness and depth of this film. Fewer yet depict so well a teacher's dedication.

Arguably, the first classic school picture was Jean Vigo's "Zero for Conduct," in which all the teachers but one (a younger newcomer who clowns like Charlie Chaplin) were miserable creatures loathed by the students. Schools were present in the pleasantly corny Andy Hardy series. Later, American high schools (Ridgmont, Cooley, Rock 'n' Roll, Central, et al.) were venues for student sheenanigans. So were the comic British "St. Trinian's" series. Hardly any students ever seem to study in those movies.

In a handful of fine, non-comedic foreign works ("Pocket Money," "Au Revoir les Enfants," "Heavenly Creatures") the actual educational process in them was secondary to other, serious themes.

A few schools were the settings for personal dramas ("The Browning Version"), dark deeds ("Diabolique," "Unman, Wittering and Zigo," "Pretty Maids All in a Row") or armed revolts (the British "If" that derived from "Zero for Conduct"). Two notable films centered on girls' crushes on their female teachers, the German classic "Maedchen in Uniform" and the little-known French "Olivia."

"Lean on Me" was about a disciplinarian principal. "Madame Sousatzka," where the teacher gives private lessons, stresses eccentricity, as does "Dead Poets Society." There is, of course, Frederick Wiseman's epoch-making "High School," but that's a documentary. And so on...

Among the movies that focus strongly on truly dedicated schoolteachers, the more familiar titles include a classic "Goodbye Mr. Chips," as well as "The Blackboard Jungle," "To Sir, with Love," "Conrack," "Ciao Professore!," and the wonderfully quirky "The Prime of Miss Jean Brodie." I would also recommend the odd but successful casting of Bette Davis in an older movie, "The Corn Is Green."

"Mr. Holland" joins this small, select group, in a different context and with a new approach. Glenn Holland at first feels and fumbles his way to teach musically inept and cacophonous kids and to put up with a fine but demanding principal (Dukakis, with a delicious wink in her eyes) and her semi-martinet, crew-cut assistant principal. Gradually, Holland learns how to teach, and does so superbly. Slowly, he gets caught up in the passion for teaching. He also reaches a persuasive level of doquence without ever becoming a goodie-goodie speech-maker.

A natural, what with his original methods, warmth, love of music and the arts, Mr. Holland forms students who are almost too accomplished to be true. He must face the killing schedule of so many teachers, a the low pay that must be supplemented by odds and ends , like driving lessons. Obligated to form a marching band, he manages it only through the friendship of the gym teacher --for a change, not an uncouth or comical

type -- and a quid pro quo: Holland will teach an instrument to a black wrestler who needs the credit. In one scene, Mr. H. improvises tricks that inculcate rhythm to the kid. This could be a subtle attack on the old cliché "blacks are born with rhythm." There are several more excellent scenes in the film, but let the viewer discover them.

When a son is born to the Hollands he turns out to be deaf. The shock to Mr. Holland is not followed by the expected sentimentality but by complex, believable reactions which over the years include difficulties, frustrations and misunderstandings as well as love.

As Mr. H gets older, there is also a nicely handled bit of temptation. Typically, script and direction do not make a mountain of this or of a mid-life crisis. In general the movie skirts schmaltz, feel-good saccharine or feverish drama. It is also mercifully free of the usual school bullies, toughs or clowning figures.

Perforce episodic, the movie is intercut with documentary footage to show the passage of the years and to orient us, a procedure that reminds me of Olympia Dukakis addressing Holland about his "compass." (See the film and you'll get the point). Viewers should be ready for several moments when it seems that the movie is about to end.

The music, classical and popular, is beautiful. The aging of the actors (makeup, hair, movements) is most skillful, as is the dosage of routine, solemn, funny and sad elements. Richard Dreyfuss, in an Oscar-worthy, sober performance is entirely convincing. With luck, some of us had someone like Mr. H in our school days.

Many moments are touching and could be eye-wetting, yet all done without pulling out all the stops as "Mr. Holland's Opus" remains steadfastly sweet but never becomes cloying, never departs from realism. The characters, their lines and behavior feel genuine. Even the deaf people are really deaf.

One small flaw in the movie is the finale's improbably well-organized homage to the music teacher. It happens just after the school is forced to cut 10 percent of its budget. Of course this gets done by eliminating programs in music and other arts.

By coincidence, just before seeing the film I had caught documentarist Ken Burns on C-Span where, rationally, lucidly and passionately he made a case for not cutting federal subsidies to the arts. Mr. Holland is not alone in trying to send us a message.